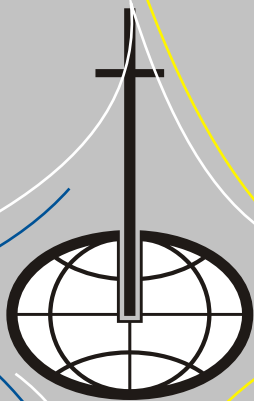


Plano de Ação Missionária da IECLB - Linhas Mestras do Plano Operacional



MISSÃO DE DEUS

NOSSA PAIXÃO

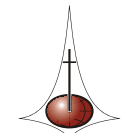


Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

Plano de Ação Missionária da IECLB - Linhas Mestras do Plano Operacional

MISSÃO DE DEUS NOSSA PAIXÃO

São Leopoldo/RS



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

M678 Missão de Deus. Nossa paixão. -- São Leopoldo : CEBI,
2009.

32 p. ; 15 x 21cm,

ISBN 978-85-233-0900-8

1. Educação cristã - Evangelização. 2. Planejamento missionário. 3. Ação missionária. I. Plano de Ação Missionária do IECLB. II. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

CDU 284.1

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil - CRB 10/1184

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

PLANO DE AÇÃO MISSIONÁRIA 2008-2012

Linhas mestras do Plano Operacional

Apresentação	06
Introdução	08
1. Missão de Deus – Nossa Paixão	09
1.1 Quatro dimensões	11
1.2 Três eixos transversais	12
1.3 Planejamento para criar e recriar comunidades	13
2. O Plano de Ação Missionária da IECLB – Uma tarefa coletiva	14
2.1 Reflexões em torno da relação entre a IECLB e a Missão	14
2.1.1 Como é na Igreja	15
2.1.2 Como deve ser na Igreja	16
2.1.3 Três conjuntos articulados	17
3. Elaborando o Plano Missionário	19
3.1 Missão	19
3.2 Visão	20
3.3 Objetivo geral	21
3.4 Objetivos específicos	23

3.5 Planejamento missionário: definição de competências	23
3.6 Matriz de planejamento	24
Conclusão	32

Depois do lançamento do texto-base do PAMI 2008-2012, em maio de 2008, agora é a vez de colocarmos nas mãos de obreiros, obreiras e líderes das comunidades, paróquias e demais setores e instituições da Igreja o texto contido nesta publicação. Trata-se de um texto ainda de cunho teórico, que está sendo chamado de Plano Operacional do PAMI. Ele é, mais propriamente, a exposição das linhas mestras para o planejamento estratégico na área da missão em todos os âmbitos da IECLB. No tocante às comunidades da IECLB, a meta a ser atingida até 2012, conforme recomendação do Concílio da Igreja, ocorrido em Estrela, de 15 a 19 de outubro de 2008, é implementar planejamento estratégico em pelo menos um terço delas. O resultado desse processo amplo constitui, verdadeiramente, em substância, o plano de ação missionária da IECLB.

O documento aqui apresentado foi elaborado por muitas mãos: integrantes do Grupo de Trabalho PAMI, grupos assessores da Presidência e ainda outras pessoas e grupos. A redação final foi do Jorn. Ricardo Fiegenbaum. Um agradecimento a todas as pessoas que colaboraram.

Espero que esta publicação, juntamente com o texto-base do PAMI, se torne auxílio importante na fundamentação teológica da missão e na elaboração desse planejamento em cada instância da IECLB. No decorrer dos próximos meses estaremos colocando à disposição cadernos auxiliares, em linguagem simples, sobre como de fato colocar em prática o planejamento estratégico.

Missão de Deus – Nossa Paixão!

Epifania de 2009.
Walter Altmann

APRESENTAÇÃO

No presente texto, trazemos algumas diretrizes para a elaboração do Plano de Ação Missionária que envolve todas as instâncias da IECLB: comunidades, paróquias e sínodos, departamentos, setores de trabalho e instituições, e instâncias nacionais, como Secretaria Geral, Presidência e Conselho da Igreja. Tais diretrizes culminam com a descrição e proposição de uma **Matriz de Planejamento**. A matriz consiste de um conjunto de elementos comuns e práticos de planejamento que, ao mesmo tempo em que reconhece a interdependência das instâncias, preserva a sua autonomia. Portanto, esperamos que a aplicação desta Matriz de Planejamento contribua para o aperfeiçoamento e a qualificação de nossas práticas missionárias e para o fortalecimento da nossa unidade e identidade como IECLB.

O que aqui apresentamos está em relação direta com o texto-base *Missão de Deus – Nossa Paixão* – Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012, distribuído em toda a IECLB, em maio de 2008. Resultado de uma construção coletiva, da qual participaram representantes das diversas instâncias da igreja e de diferentes correntes de pensamento, o texto daquele caderno expressa o consenso de que a *missão é de Deus e que a igreja é sua principal colaboradora*. O caderno do texto-base, portanto, traz a fundamentação bíblico-teológica e histórica para a ação missionária da IECLB hoje.

Aos fundamentos teórico-reflexivos do plano de missão corresponde, assim, a dimensão prática do planejamento. Se estamos de acordo que a missão de Deus é nossa paixão, precisamos transformar essa paixão em ações em todos os níveis da nossa igreja. Para que essas ações sejam coordenadas e articuladas entre si, otimizando esforços, recursos e tempo, temos de planejá-las em torno de uma missão, de uma visão e de um objetivo geral co-

muns. Portanto, o texto que ora apresentamos deve ser refletido e estudado em relação com aquele primeiro. Neste, propomos um caminho comum para planejar esta missão, ou seja, trazemos uma proposta metodológica para elaborar o plano de ação missionária que é ao mesmo tempo comum a toda as instâncias e procura preservar a especificidade de cada contexto.

Para que a relação entre os dois cadernos fique mais evidente, a primeira parte deste texto trata de recuperar, de forma bem resumida, os principais conceitos trabalhados no texto-base *Missão de Deus - Nossa Paixão*. Em seguida, oferecemos o resultado de um esforço de sistematização de diversos documentos produzidos na IECLB nas últimas décadas (atas, relatórios, cartas oficiais sobre a missão, posicionamentos, documentos de fóruns e seminários, etc.) sobre diversos aspectos ligados à missão da IECLB. O trabalho apontou para dois aspectos principais: a) como as coisas são e b) como deveriam ser na igreja. Com base nestas duas partes anteriores, apresentamos, por fim, a **Matriz de Planejamento** como proposta prática de como fazer um plano de ação missionária da e para a IECLB que articule as suas diferentes instâncias.

Está claro para nós que o planejamento não deve ser um *fim* em si mesmo. Ele é *meio* para qualificarmos a nossa ação missionária. Planejar significa assumir a nossa responsabilidade pelos recursos que nos foram confiados e aplicá-los de acordo com a nossa capacidade para que se multipliquem, como fez o empregado que recebeu cinco talentos do seu Senhor e devolveu-lhe ao final mais cinco (Mateus 25.14-30). Esse é o testemunho que, como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil precisamos dar ao mundo, vivendo a nossa paixão pela missão de Deus e o nosso compromisso com o projeto do Reino de Deus. Pois, as pessoas em todos os confins de nosso país anseiam pela boa nova de que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único filho para que toda a pessoa que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3.16).

INTRODUÇÃO

Todo mundo tem uma paixão. Há pessoas que são apaixonadas por carro. Há quem tenha paixão por música ou por futebol. Mas também há pessoas que têm paixão por flores, por livros ou por dançar, ou, ainda, por soltar pipas, jogar xadrez ou desenhar. Enfim, paixão todo mundo tem pelo menos uma. A nossa paixão, como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, é a missão. A missão de Deus é a nossa paixão.

A missão de Deus é amar o mundo e mostrar ao mundo o seu amor (João 3.16). O sinal mais claro e inequívoco do amor de Deus pelo mundo é seu Filho Jesus Cristo. Ele tornou-se gente como nós. Viveu e morreu crucificado, mas Deus o ressuscitou. Em tudo se mostra a paixão divina por toda a sua criação. Essa é a missão de Deus: amar o mundo a ponto de entregar o seu próprio filho. E é essa missão de Deus que constitui a nossa paixão.

É nossa paixão em um duplo sentido. É um modo de amor ardente, um entusiasmo, um fogo que nos arde no coração, que faz sentirmo-nos vivificados, perpassando todo o nosso corpo, emoção e razão. É um envolvimento completo, um encontro sublime, único e verdadeiro com o amor de Deus. Mas também é paixão como despojamento, sacrifício e despreendimento. Cristo, o Filho de Deus, sofreu até a cruz por amor. Seus discípulos, ao longo da história da Igreja, sofreram por causa de Cristo. Muitas pessoas foram presas, torturadas e mortas por causa da sua paixão pelo evangelho. Mas graças a elas, a missão de Deus nos alcançou. Fazemos parte dessa comunhão de “apaixonados”, que se entrega ao amor de Deus e assume as consequências desse amor na vida diária.

Viver pela nossa paixão, que é a missão de Deus, é reconhecer o lugar onde vivemos, as necessidades e os anseios das pessoas que Deus ama, e anunciar a boa nova da salvação.

Isso implica em preparação e organização, ou seja: na IECLB, a paixão de anunciar o evangelho tem também uma dimensão de planejamento. É isso que queremos mostrar quando falamos de Plano de Ação Missionária da IECLB (PAMI). É o nosso esforço, como igreja, de planejar a missão, fazendo da nossa paixão um modo de promover a evangelização, a comunhão cristã, a celebração do amor de Deus e o serviço a todas as pessoas no mundo.

Este é um esforço de todos os membros, em cada instância da igreja, a partir de uma convicção comum expressa no texto-base do Plano de Ação Missionária da IECLB *Missão de Deus – Nossa Paixão*. É a partir dessa convicção e de acordo com cada contexto, que as diversas instâncias da Igreja vão elaborar seus planejamentos estratégicos, visando a *ampliar e consolidar a ação missionária da IECLB no Brasil e no mundo*. Com isso vamos desenvolver a missão que nos foi confiada, que é a de “*propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimulando a sua vivência pessoal, na família e na comunidade, promovendo a paz, a justiça e o amor na sociedade brasileira e no mundo*”, e pretendemos *ser reconhecidos como “igreja de comunidades atrativas, inclusivas e missionárias, que atuam em fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo, destacando-se pelo testemunho do amor de Deus, pelo serviço em favor da dignidade humana e pelo respeito à criação”*.

Todo mundo tem uma paixão. A nossa é a missão. *Missão de Deus – Nossa Paixão*.

1. MISSÃO DE DEUS – NOSSA PAIXÃO

O Plano de Ação Missionária da IECLB 2008-2012 insere-se no contexto dos processos históricos e eclesiais da missão da IECLB, desde a chegada dos primeiros protestantes ao Brasil até os nossos dias, e dá continuidade ao PAMI 2000-2007. Este processo histórico-ecclesial mostra que a IECLB vai construindo ao longo do tempo uma identidade nacional ao mesmo tempo em que vai ampliando a percepção sobre a sua tarefa missionária no país.

Partindo de sua herança eclesial e teológica, de forte base bíblica e comunitária, a IECLB surge como igreja brasileira em meados do século XX, quando as comunidades tomam a decisão histórica de ser igreja de Cristo no Brasil. Essa decisão tem implicações sobre a identidade eclesial, e a igreja vai descobrindo, ao longo dos anos, a sua vocação e o seu compromisso de participar na missão de Deus no mundo. Surge, assim, já na virada do milênio, o *Plano de Ação Missionária – PAMI 2000-2007*, que procura articular os esforços missionários de todas as instâncias em torno de um objetivo geral comum, a saber, *recriar e criar comunidades juntos*, assumindo o compromisso de “nenhuma comunidade sem missão e nenhuma missão sem comunidade”.

A partir da avaliação desta primeira experiência de planejamento sistemático da ação missionária da IECLB, que apontou limites e avanços, a IECLB assume o desafio de dar continuidade ao PAMI por mais cinco anos, renovando e aperfeiçoando o planejamento anterior. Se de um lado a igreja não cresceu o projetado, de outro, com o incentivo do PAMI, foram implementados projetos missionários em todos os sínodos. A avaliação mostrou, também, que apesar do crescimento qualitativo observado, a IECLB ainda precisa avançar em planejamento e gestão. Contudo, a principal contribuição do PAMI 2000-2007, segundo se avaliou, foi a de fazer surgir uma *consciência maior acerca do desafio missionário da igreja*. É essa consciência que leva a igreja a dar continuidade ao PAMI, elaborando a versão 2008-2012.

A fundamentação teológica do PAMI 2008-2012 enfatiza o conceito de “Paixão de Deus pelo Mundo”. Essa paixão divina se revela na criação do mundo e ao longo da história do Povo de Deus. Em Cristo, Deus mesmo se torna um ser humano, levando a sua paixão pelo mundo às últimas conseqüências. E para que o mundo creia que ele é um Deus apaixonado, ele envia seu Espírito Santo, que cria a igreja, sal e luz do mundo. Finalmente, a paixão de Deus pelo mundo também se revela na solidariedade humana, que toda pessoa que

crê é chamada a viver, mostrando o amor divino. É aí que a missão de Deus se torna a nossa paixão.

1.1 Quatro dimensões

A vivência missionária, então, se articula em quatro dimensões principais, ou seja, na *evangelização*, na *comunhão*, na *diaconia* e na *liturgia*. A *evangelização* origina-se no desejo de Deus em ter um relacionamento integral e harmonioso com o ser humano e consiste na exposição explícita e intencional do Evangelho, visando a uma resposta pessoal de fé e ao ingresso no discipulado cristão vivido em comunidade. A *comunhão* é a essência da igreja que brota da ação missionária e redentora de Deus. É comunhão solidária que renasce e se renova em cada celebração da Ceia. A *comunhão* é vivência concreta do sacerdócio cristão onde mutuamente nos tornamos servos uns dos outros, especialmente dos mais necessitados.

Mas a missão de Deus também é a vivência do amor na forma do serviço humilde, amoroso, acolhedor e inclusivo, é *diaconia*. Comunidade missionária que serve é aquela que se aproxima das pessoas, que luta pela vida digna, não só na própria comunidade, mas também no mundo. É aquela que questiona as situações de injustiça, de opressão e exclusão e que pratica a misericórdia e a justiça. Na *liturgia*, a vivência missionária celebra o amor de Deus (culto) e vê nestas diversas formas de celebração uma oportunidade de vivência da comunhão, da evangelização e da diaconia. O culto, portanto, em sua liturgia, simbologia, música, palavra e sacramentos, deve proporcionar a experiência de que ali o Deus amoroso está querendo nos encontrar. Compreender e viver o culto significa sentir-se contagiado pelo Deus que ama a igreja – que ama o mundo.

As quatro dimensões principais da vivência missionária relacionam-se com três eixos transversais: *educação cristã* contínua, *administração* criativa de recursos com vistas à sustentabilidade da missão e *comunicação*. Estes três eixos transversais levam a alcançar o propósito de criar e recriar comunidades.

1.2 Três eixos transversais

A *educação cristã* visa a capacitar as pessoas para cooperar com a missão de Deus no mundo e para exercer plenamente o sacerdócio geral. Ela é contínua, ou seja, acontece em todas as fases da vida e pela vida toda a partir do Batismo.

A *sustentabilidade* é a capacidade de um sistema, como a igreja, de criar as condições favoráveis para sua sobrevivência e para seu desenvolvimento no presente e no futuro, evitando o esgotamento ou a sobrecarga dos recursos que o mantêm. A sustentabilidade da igreja vincula-se à ação do Espírito Santo que cria fé e comunidade ali onde a palavra é pregada e os sacramentos são administrados de acordo com o Evangelho. À essa dimensão espiritual da sustentabilidade da igreja corresponde também uma dimensão racional que implica em tomar o planejamento estratégico como ferramenta útil e necessária na construção de um novo futuro, pois a missão, para ser “sustentável”, não somente necessita de recursos mas, também, de sua correta administração. Trata-se de articular fé, gratidão e compromisso.

A *comunicação* é parte essencial da ação missionária, pois a igreja é feita de comunicação. Contudo, é necessário levar em conta que a presença da mídia altera as formas como a igreja tradicionalmente se comunica. Por isso, o planejamento missionário deve pensar em estratégias de comunicação adequadas a cada contexto, situação, meios e públicos.

1.3 Planejamento para criar e recriar comunidades

O texto-base do Plano de Ação Missionária da IECLB – 2008-2012 afirma que a vivência missionária da igreja tem quatro dimensões principais, ou seja, a *evangelização*, a *comunhão*, a *diaconia* e a *liturgia*. Essas quatro dimensões são articuladas entre si por três eixos distintos: a *formação*, a *sustentabilidade* e a *comunicação*. As dimensões e seus eixos visam a criar e recriar comunidades cristãs firmadas em Cristo, e, ao mesmo tempo, flexíveis em relação à diversidade de costumes e culturas à sua volta.

A tarefa de planejamento missionário, portanto, é, primeiramente, das comunidades, porque a missão acontece efetivamente a partir e através das comunidades. Todas as demais instâncias da IECLB são chamadas a planejar as suas ações missionárias em função da missão que acontece na base comunitária. Ou seja, o planejamento dos sinodos, departamentos, setores de trabalho, instituições, secretaria geral, presidência e conselho da igreja deve estar a serviço das comunidades, facilitando e colaborando para que elas possam cumprir bem e cada vez melhor os seus planos de ação missionária.

A tarefa principal para a qual toda a IECLB é chamada nesse momento histórico é a de que, no período de 2008 a 2012, todas as instâncias da igreja, em seus diversos níveis, estabeleçam seus planos de ação missionária a partir dos fundamentos bíblico-teológicos apresentados no texto-base e de seus contextos específicos.

Nas páginas seguintes apresentamos um breve relato sobre o que diversos documentos relacionados à IECLB e à missão, apontaram em relação aos desdobramentos teológicos, eclesiológicos e práticos da missão na vida da igreja. O relato que segue, e o resumo do texto-base acima realizado, são a base para a apresentação da **Matriz de Planejamento**, descrita no ponto três deste documento.

2. O PLANO DE AÇÃO MISSIONÁRIA DA IECLB – UMA TAREFA COLETIVA

A relação entre planejamento, missão e igreja não é algo novo. Em várias comunidades, em alguns setores e em diversas instituições vinculadas à IECLB, planejar faz parte da rotina de seus membros. E não apenas planejar, como também cumprir o planejamento e avaliar a sua execução constantemente. A novidade que aqui apresentamos está na proposição de elaborarmos um plano missionário para toda a IECLB a partir de uma *matriz comum de planejamento*, envolvendo desde as comunidades até as instâncias nacionais, passando pelos sinodos. Propomos um esforço comum para evangelizar, servir, celebrar e viver em comunhão. Nesse sentido, o Plano de Ação Missionária 2008-2012 é uma iniciativa de toda a igreja e um desafio para todas as suas instâncias, ou seja, uma tarefa coletiva para todos os membros da IECLB.

2.1 Reflexões em torno da relação entre a IECLB e Missão

O PAMI 2008-2012 não é uma invenção do momento. Ele se insere na continuidade direta do PAMI 2000-2007, testado, avaliado, corrigido e aperfeiçoado. A partir dele, bem como de diversos outros documentos relacionados à IECLB e à missão, procuramos sistematizar as reflexões que esses documentos trazem a respeito dos desdobramentos teológicos, eclesiológicos e práticos da missão na vida da igreja. A sistematização voltou-se, principalmente, para a produção realizada nos Fóruns Nacionais da Unidade, de Avaliação da Reestruturação, de Missão e de Fé, Gratidão e Compromisso, além de documentos como a *Constituição da IECLB*, *IECLB às portas do novo milênio*, *IECLB no Pluralismo Religioso* e *Quem é membro da IECLB*. Secundariamente, acolheram-se também sugestões e apontamentos feitos em reuniões da Pastora e dos Pastores Sinodais, do Grupo de Trabalho do PAMI, dos Grupos Assessores da Presidência, da Conferência de Secretários, do Conselho da Igreja e de outros autores e pesquisas que analisam e avaliam a IECLB diante dos desafios de ser Igreja de Confissão Luterana no Brasil no tempo que é hoje.

Na leitura dos documentos acima mencionados, portanto, percebemos a presença de certos temas recorrentes. Tais temas se apresentam como impressões e diagnósticos que agrupamos em dois tipos: “assim é na Igreja” e “assim deve ser”. No primeiro, trata-se de diagnósticos; no segundo de tentativas de intervenção. Passamos, portanto, a expor de forma resumida e sistematizada do que se trata em cada uma dessas afirmações.

2.1.1 Como é na Igreja

Entre as percepções do “como é” está o reconhecimento da forte presença da tradição, que ajuda como elemento de identidade histórica, mas também trava a ação missionária em contextos em transformação, porque está muito vinculada a aspectos históricos e étnicos que a instituíram. Também se insere no “como é” a percepção de que as comunidades têm suas ações voltadas principalmente para o atendimento de seus membros, com raras iniciativas que transcendem os muros da igreja local. Por outro lado, percebe-se avanços em ações diaconais, mas também a falta de capacitação teológica e metodológica dos membros. É forte a percepção das dificuldades de custeio, da falta de recursos financeiros e de planejamento.

Constata-se também a estagnação numérica de membros (quando não declínio), as dificuldades estruturais e organizacionais em relação à estrutura sinodal, bem como de gestão da máquina administrativa mais ampla. Também consta nos documentos a existência de tensões internas, conflitos teológicos e relacionais. Apontam os documentos para a realidade diferenciada de sínodo para sínodo. Também se constata dificuldades no modelo de formação teológica, na prática do ministério compartilhado, na atuação de obreiros e obreiras e na falta de metodologias (como fazer). Além disso, é realçada uma profunda preocupação com a unidade, a confessionalidade e, por derivação, com a legalidade ou regulamentação de procedimentos e com o controle de processos. Nesse sentido, também se reconhece que, embora a nova estrutura nacional da IECLB, adotada em 1997 seja boa, ain-

da não foi plenamente compreendida e assimilada para que possa servir adequadamente à missão.

2.1.2 Como deve ser na Igreja

Entre as proposições de “como deve ser” destaca-se a necessidade de fomentar a capacidade de auto-sustentação do trabalho da igreja, para o que se fazem propostas de arrecadação por meio de ofertas, a realização de parcerias, a implantação do programa de moradia e a construção de critérios de apoio a projetos que resultem em melhor relação custo-benefício no que se refere à missão. A formação cristã por toda a vida é outra proposta de “como deve ser”, ou seja, que em todas as instâncias a formação de pessoas na fé seja constante, seja por meio de cursos, como também pela produção de material adequado a isso.

Também foca-se em determinados públicos, jovens e crianças preferencialmente, mas também em mulheres, presbíteros e obreiros como públicos para ações específicas, de acordo com o seu lugar na estrutura da Igreja. Na área da comunicação, as preocupações são de institucionalização, ou seja, formação de conselhos e coordenações, elaboração de políticas e intercâmbio de materiais e experiências. A dimensão da comunicação é enfocada como anúncio do evangelho, como forma de presença pública da igreja (na mídia) e como componente e serviço nos processos de edificação comunitária.

Ainda entre as proposições de “como deve ser” está a relação entre missão e edificação de comunidades. Nesse sentido, fala-se basicamente em trabalhar conceitos e promover culturas (hábitos). Eventualmente, há preocupações com estruturas e programas de formação. A formação de lideranças também aparece na diaconia, que parece ser o lugar social privilegiado da igreja para formar parcerias com a sociedade civil e o poder público. A cultura tem um capítulo à parte, relacionado a questões étnicas e identitárias de grupos e mi-

norias aos quais se destina a ação da igreja. Por outro lado, a dimensão do evangelismo parece voltada mais para a reanimação de comunidades do que como um elemento de inserção nessas culturas.

Em resumo, no “como deve ser” é projetada fundamentalmente uma mudança cultural. Se o diagnóstico aponta para questões específicas, a projeção parece bem mais solta. Correspondem-se, contudo, no que se refere à formação de pessoas, o que parece ter sido o centro das preocupações tanto das análises como das propostas. Mas há também questões de políticas, que implicam em definições mais amplas e que parecem ser tardadas em função da própria cultura e tradição eclesiais acima apontadas. Tais políticas são, basicamente, voltadas às questões ministeriais, à relação entre ministério com ordenação e atuação dos membros, reconhecimento de competências e (in)flexibilidade de estruturas. Em outras palavras, trata-se de esforços de flexibilização de regras, como por exemplo na constituição de novos campos de atividade, como também e de outro lado, de esforços de regulação e controle com vistas à unidade e à preservação da confessionalidade.

2.1.3 Três conjuntos articulados

Tanto na percepção de “como é” quanto na expectativa de “como deve ser” pode-se perceber três conjuntos articulados entre si: um conjunto que constitui uma área temática, outro uma área estrutural, e um terceiro uma área de pessoal.

A **área Temática** refere-se àqueles assuntos que mobilizam a igreja tanto numa perspectiva de afirmação de identidade como de defesa de seus valores teológicos e institucionais. É a área temática que mobiliza as duas outras, a das estruturas e a das pessoas. Estão aí questões como o Batismo, a Formação Contínua, o Ministério Compartilhado, a Comunicação, etc., ou seja, os temas são transversais.

A **Área das Estruturas** tem a ver com a forma de organização, relações de poder, administração, gestão, sustentabilidade, infra-estrutura, articulação entre as diversas instâncias, setores de trabalho, templos, logística, os estatutos e regulamentos, formas de decisão, enfim, com aquilo que dá forma organizacional e civil à IECLB. Trata-se, pois, do conjunto de capitais estruturais, do qual também faz parte a tradição, por exemplo.

A **Área das Pessoas** refere-se ao conjunto dos públicos que se relacionam com a igreja. De modo genérico, trata-se aí de seus membros bem como da sociedade que a cerca em cada localidade. De modo mais específico, trata-se dos grupos comunitários, desde as crianças até as pessoas de idade, ou seja, todos aqueles que podem ser qualificados segundo critérios de relacionamento com a igreja, mulheres e homens, pessoas enfermas e cuidadoras, desempregadas e empobrecidas, empresários e assalariados, obreiros e leigos, presbíteros e lideranças, etc. Aqui se trata do conjunto dos capitais humanos, ou seja, dos recursos humanos, seus dons e competências, bem como dos públicos para os quais se dirigem as nossas ações e estratégias missionárias.

Assim, os temas da sustentabilidade, unidade da Igreja, formação contínua, comunicação, edificação de comunidades, diaconia, ecumenismo, evangelismo, cultura e missão aparecem como temas organizadores de ações estratégicas com vistas a pessoas. Acrescente-se a elas ainda outros subtemas, como o Batismo, a membresia, a pluralidade religiosa, etc. Nessa perspectiva, os documentos analisados não fazem distinção entre as estruturas, os processos (que fazem a dinâmica da igreja) e as pessoas, tratando-os todos como *temas*. No planejamento é preciso fazer essas distinções entre ações estratégicas que visam a estruturas e ações que visam a pessoas, com base na missão da IECLB, na sua visão missionária e no objetivo geral do PAMI.

Esse esforço de sistematizar o acúmulo de reflexões e práticas em torno da missão e relacioná-lo ao texto-base *Missão de Deus – Nossa Paixão*, foi uma das bases para a elaboração do que estamos chamando de **Matriz de Planejamento** do PAMI 2008-2012. Essa

matriz, porém, resulta também do que estamos denominado a *Missão* e a *Visão* da IECLB, e o seu *objetivo geral*. Essas três grandezas do planejamento resultam de diálogos entre o Grupo de Trabalho do PAMI, a Presidência da IECLB, a Diretoria e o Conselho da Igreja, bem como os Pastores e a Pastora Sinodal e membros dos Grupos Assessores da Presidência e Secretaria Geral, acolhendo ainda muitas outras observações e sugestões de coordenações e setores de trabalho da IECLB, membros e obreiros e obreiras.

3. ELABORANDO O PLANO MISSIONÁRIO

3.1 Missão

É regra quase geral que as instituições se definam pela sua missão. Também uma igreja tem sua existência dada pela sua missão. A **missão** é o que identifica a igreja, mostra onde ela se encontra e lhe dá o rumo e a motivação para sua atuação. A Missão da IECLB está expressa – e ampla e sinteticamente manifesta – no artigo 3º da sua Constituição:

Em obediência ao mandamento do Senhor, a IECLB, através de suas Comunidades, tem por fim e missão:

I - propagar o Evangelho de Jesus Cristo;

II - estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária;

III - promover a paz, a justiça e o amor na sociedade;

IV - participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo.

No entanto, no contexto do PAMI e dentro da idéia de planejamento institucional, adotamos aqui uma redação menos estatutária, a saber:

A missão da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil é propagar o Evangelho de Jesus Cristo, estimulando a sua vivência pessoal na família e na comunidade e promovendo a paz, a justiça e o amor na sociedade brasileira e no mundo.

3.2 Visão

Além da missão, as organizações têm elaborado a sua visão. A **visão** é o que se sonha para a Igreja, indica para onde vamos, é o "passaporte" para o futuro e aquilo que inspira seus membros a atuarem. Ela é formulada na perspectiva de como queremos ser reconhecidos no mundo onde atuamos, ou seja, que impacto queremos causar. O reconhecimento expresso na visão não pode ser mascarado, porque será reflexo do que realmente somos. Ela está em consonância com a Missão e com os valores que assumimos como nossos. A visão implica em uma avaliação pelo olhar do outro e não pelo nosso próprio olhar, por isso é formulada na forma de “ser reconhecido como sendo alguma coisa” e não como “ser alguma coisa”.

Para dar um exemplo, recorremos à fábula da coruja e da águia. Com medo que a águia comesse seus filhotes, a coruja fez um trato com a águia. A águia, porém, quis saber como poderia reconhecer que os filhotes eram da coruja, ao que a coruja respondeu dizendo que não haveria como se enganar, já que seus filhotes eram os mais bonitos. Um dia, águia viu um ninho de pássaros e uns filhotes muito feios dentro dele e não teve dúvidas, devorou-os. Quando a coruja se deu conta, seu ninho estava vazio e foi reclamar com a águia que disse, simplesmente, que aqueles filhotes não podiam ser da coruja, de tão feios que eram. O olhar da mãe coruja sobre seus filhotes é o olhar de dentro, que afirma o “ser”. O olhar da águia é o olhar do outro, o olhar de quem reconhece ou não as qualidades que a coruja disse que seus filhotes tinham.

A visão, portanto, elabora-se na perspectiva do olhar do mundo onde atuamos, como desejo de que as qualidades que afirmamos possuir sejam reconhecidas como tais. A visão está em consonância com nossa missão, nossos valores e com o Objetivo Geral. A visão da IECLB é aqui articulada da seguinte maneira, à base de uma reflexão sobre algumas palavras-chave, tais como, missão de Deus; compromisso; crescimento; olhar do amor; paixão; capacidade de responder às necessidades do mundo:

Ser reconhecida como igreja de comunidades atrativas, inclusivas e missionárias, que atuam em fidelidade ao evangelho de Jesus Cristo, destacando-se pelo testemunho do amor de Deus, pelo serviço em favor da dignidade humana e pelo respeito à criação.

3.3 Objetivo geral

O **objetivo geral** é aquele que aponta para uma transformação mais ampla, relacionada com a Missão da instituição. Tem a ver com o impacto do planejamento. O objetivo geral do PAMI 2008-2012 é o seguinte:

Ampliar e consolidar a ação missionária da IECLB.

Para este objetivo geral propomos algumas ações estratégicas para toda a IECLB. Elas foram sugeridas em diversos espaços de diálogo sobre o PAMI, como a reunião da Pastora e dos Pastores Sinodais com a Presidência, reuniões internas na Secretaria Geral da IECLB, o encontro dos Grupos Assessores, as reuniões do Conselho da Igreja. Além disso, acolhemos colaborações vindas de diferentes grupos, setores e instituições que se dedicaram a estudar o texto-base do PAMI e a enviar suas sugestões. Desse acúmulo de sugestões, compilamos um total de dez ações estratégicas, como segue:

Objetivo Geral: Ampliar e consolidar a ação missionária da IECLB	
Ação 1	Fortalecer , em todos os âmbitos e setores da IECLB, o sentido de unidade em torno da confessionalidade e de uma visão comum da missão de Deus .
Ação 2	Promover a reflexão sobre a compreensão de igreja, para passar do conceito de comunidade “associativa” – como um clube – a comunidade missionária contextualizada.
Ação 3	Estimular a elaboração de planejamentos paroquiais e comunitários missionários , com dotação orçamentária para os objetivos específicos do PAMI.
Ação 4	Prom over parcerias entre comunidades e entre sínodos no desenvolvimento de projetos e iniciativas missionárias.
Ação 5	Incentivar o testemunho público na sociedade civil (associações, escolas, movimentos sociais).
Ação 6	Articular em torno do PAMI os diferentes setores que produzem subsídios para a missão, reunindo, sistematizando e disponibilizando programas e materiais que se relacionam com os quatro objetivos principais do PAMI (ex. Celebrar e Viver, Aprendendo a Amar, Círculos Bíblicos, entre outros) – disponibilizar no portal.
Ação 7	Elaborar Plano de Comunicação para divulgação do PAMI junto aos membros.
Ação 8	Fomentar a dimensão missionária na Comunicação da Igreja.
Ação 9	Fortalecer a missão global , incluindo a retomada da presença missionária no continente africano.
Ação 10	Realizar anualmente uma Campanha Nacional de Missão.

3.4 Objetivos específicos

Definidas as três grandezas orientadoras da atuação da IECLB – *Missão, Visão e Objetivo Geral* – resta-nos, como IECLB em suas diversas instâncias, articular um planejamento estratégico que permita organizar e concatenar as ações em cada uma de suas instâncias de atuação, desde as comunidades/paróquias até as instâncias diretivas e vice-versa. Para isso, entendemos que será útil que tenhamos pelo menos alguns objetivos específicos comuns. Eles são de caráter operacional, ou seja, apontam para os resultados concretos do planejamento e podem ser alcançados a partir do próprio planejamento. Levando-se em conta as quatro dimensões principais do PAMI, segundo o texto-base, a saber, evangelização, comunhão, diaconia e liturgia, os quatro principais objetivos específicos são os seguintes:

- 1. Testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas no seu contexto – Evangelização**
- 2. Promover a vivência da fé em Jesus Cristo em comunidade – Comunhão**
- 3. Praticar a misericórdia e a justiça – Diaconia**
- 4. Celebrar o amor de Deus no mundo – Liturgia**

3.5 Planejamento missionário: definição de competências

Considerando as diferentes instâncias e suas competências, há que se destacar que cada qual assume sua parcela de responsabilidade na implementação do Plano de Ação Missionária, como, aliás, já preconizava o PAMI 2000-2007, quando assinalava que “todo e qualquer planejamento missionário, seja em que nível for, parte das necessidades e possibilidades das bases e para elas está voltado”. Deixa-se, portanto, motivar e orientar pela missão, pela visão, pelo objetivo geral e pelos objetivos específicos traçados no Plano de Ação

Missionária da IECLB. Assim, seguindo estas diretrizes gerais, é indispensável que as comunidades, as paróquias, os sínodos, os departamentos, os setores de trabalho, as instituições e as instâncias nacionais da IECLB, etc. em seu conjunto, elaborem seus planejamentos estratégicos de missão, com ações estratégicas objetivas que possibilitem realizar os objetivos estabelecidos.

Essas ações estratégicas devem ser pensadas também considerando as competências de cada instância, como estão definidas nos documentos normativos da IECLB. O bom resultado do PAMI 2008-2012 depende em grande medida de cada qual assumir as suas competências específicas e o seu papel, sabendo que para diferentes funções dentro da estrutura correspondem diferentes competências e responsabilidades. Entendemos que o foco do planejamento está nas comunidades e nas paróquias porque é da base comunitária, onde a missão se realiza efetivamente, que virão as demandas para que as demais instâncias nos níveis sinodal e nacional da estrutura consolidem seus planos de ação voltados para essas demandas.

3.6 Matriz de Planejamento

A atual proposta de Plano de Ação Missionária pressupõe uma matriz de planejamento, que visa a estabelecer a interconexão entre os diversos planejamentos específicos realizados em cada instância, setor ou instituição da IECLB. A matriz não pretende definir antecipadamente o *quê* as comunidades devem fazer (nem os sínodos ou outra instância, setor ou instituição), mas oferece um caminho, cujo destino é comum em toda a igreja. Ou seja, trata-se de orientações estratégicas para que cada qual elabore seus planos de ação a partir de objetivos comuns.

Cada qual, como sugere o PAMI 2000-2007, é chamado a fazer uma análise de sensibilidade para alcançar esses objetivos no seu contexto. Isso significa dizer que, para elaborarmos um

plano missionário precisamos conhecer nossos pontos fortes, nossas fraquezas, aquilo que ameaça a nossa ação missionária e as oportunidades que se oferecem para fazermos missão. Essa análise envolve, portanto, um *olhar para dentro* da nossa instituição (comunidade) e um *olhar para fora*. Olhar para dentro é **verificar os pontos fortes** (o que deixariamos como está, o que temos como valor, como qualidades) e **assinalar os pontos fracos** (o que mudaríamos, o que depõe contra nós, quais são nossos limites). Olhar para fora implica em **reconhecer as ameaças** que estão à nossa volta (o que pode atrapalhar a nossa atividade fim, quem são os nossos “concorrentes”, quais são as forças externas que podem pôr a perder nossa instituição/comunidade) e **visualizar as oportunidades** (ou seja, observar o contexto onde estamos e ver como podemos modificá-lo; ver as brechas e ocupar os espaços que se abrem na realidade que nos cerca). Essa análise de sensibilidade tem o nome de técnica SWOT, das iniciais das palavras inglesas Strengths (pontos fortes), Weaknesses (pontos fracos), Opportunities (oportunidades) e Threats (ameaças).

A análise levada a efeito pela técnica SWOT, balança as vantagens externas e os pontos fortes internos com as ameaças externas e os pontos fracos internos, respectivamente, fornecendo informação vital para o processo de planejamento estratégico. Assim, esquematicamente, a definição de uma estratégia pode ser assim descrita:

Os pontos fortes e fracos (ambiente interno) são analisados frente aos valores da organização e às oportunidades e ameaças (ambiente externo); as oportunidades e ameaças e os valores da organização são acareados com a expectativa de terceiros (a opinião pública, os concorrentes, etc). Do entrelaçamento desses quatro conjuntos de variáveis surge a estratégia.

Não há modelos prontos de SWOT. Cada organização deve criar seu próprio modelo de informação, que reflita, em termos quantitativos e qualitativos, as medidas dos fatos internos e externos. Identificar as competências essenciais faz parte do aprendizado coletivo da organização, visando a coordenar e integrar as diversas habilidades.

Na tabela a seguir são apresentados os conceitos e os exemplos relativos a cada um dos componentes da técnica SWOT:

FATORES PARA ANÁLISE	CONCEITO	EXEMPLOS
Pontos fortes (Strengths)	Fatos, recursos, reputação ou outros fatores identificados com o ambiente interno, que podem significar uma vantagem da organização em relação aos concorrentes e/ou um diferencial no cumprimento de sua missão; recursos ou capacidades que a organização pode usar efetivamente para alcançar seus objetivos; competências distintivas.	Taxa de aprovação popular, liderança aberta a mudanças, clima organizacional, itens de diferenciação de serviços, relação custo x benefício do investimento público.
Pontos fracos (Weaknesses)	Deficiências ou limitações que podem restringir o desempenho da organização – identificadas com o ambiente interno	Inabilidades técnicas ou gerenciais, inadequados controles, obsolescência de métodos ou equipamentos, vulnerabilidade à competição
Oportunidades (Opportunities)	Fatos ou situações do ambiente externo que a organização pode vir a explorar com sucesso	Novas tecnologias, tendências observadas, alianças estratégicas, produtos complementares
Ameaças (Threats)	Antíteses às oportunidades com potencial de impedir o sucesso da organização	Novas tecnologias, tendências, legislação restritiva, novos competidores,

A segunda etapa da técnica é ordenar, tanto quanto possível, os itens apontados para cada fator analisado – pontos fortes, pontos fracos, oportunidades e ameaças – do mais importante para o menos importante, usando como critério a influência no cumprimento dos objetivos da organização.

A terceira etapa é construir e validar uma matriz, relacionando os diversos fatores levantados, para identificação de aspectos críticos e de situações que exijam uma atenção especial. Trata-se na verdade de uma matriz de impactos cruzados, para verificar em que medida as oportunidades e as ameaças são prevaletentes sobre os pontos fortes e fracos ou vice-versa.

	OPORTUNIDADES		AMEAÇAS	
	Oportunidade 1	Oportunidade n	Ameaça 1	Ameaça n
Pontos fortes	(A)	(A)	(B)	(B)
Pontos fracos	(C)	(C)	(D)	(D)

Os fatores identificados como “A” devem ser estudados para verificação de sua capacidade de sustentação ao longo do período de alcance do planejamento. Fatores identificados com “B” devem contribuir no controle das ameaças e devem ter asseguradas e fortalecidas suas condições de operacionalidade. Fatores classificados como “C” podem comprometer o aproveitamento de oportunidades, o que torna necessário definir um plano de correção ou eliminação desses fatores, de acordo com as oportunidades priorizadas pela organização. Já os fatores de tipo “D” requerem estudos específicos para determinar o risco envolvido de acordo com o grau de vulnerabilidade imposto pelas ameaças.

As estratégias a serem definidas devem considerar os requisitos e definições institucionais que orientam o desenvolvimento da ação organizacional. Assim, os resultados da análise feita devem contribuir para a construção de uma estratégia capaz de detectar as discontinuidades sutis que ocorrem no ambiente, as quais podem comprometer o desempenho da organização.

Os fatores relativos ao ambiente externo (oportunidades e ameaças) requerem um tipo de conhecimento capaz de processar demandas ambientais, e os fatores relativos ao ambiente interno necessitam de um conhecimento que possa processar as capacidades da organização.

A partir desse exercício, podemos tomar a **Matriz de Planejamento** como uma forma de orientar e organizar o nosso plano missionário em cada instância, setor ou instituição, tomando parte no PAMI, assumindo pelo menos aqueles quatro objetivos específicos comuns, assinalados acima, enfatizando aquele (ou aqueles) para o qual tenha maior competência e governabilidade ou aquele (ou aqueles) para o qual tenha necessidade de melhorar o seu desempenho. A comunidade/paróquia poderá acrescentar ainda outros objetivos, se achar necessário.

Cada objetivo será alcançado mediante a realização de pelo menos três conjuntos de *ações estratégicas*¹, que se referem aos eixos transversais do PAMI 2008-2012. Esses conjuntos de ações estratégicas correspondem, portanto, aos eixos de *formação* (de pessoas), de *sustentabilidade* (que se refere às questões de administração dos recursos por meio de gestão de pessoas, financeira, de processos de trabalho e de informação) e de *comunicação* (ações estratégicas de comunicação interpessoal presencial e de comunicação através de meios de comunicação [midiáticas]).

Ações de Formação são as ações para qualificar o quadro de colaboradores, tanto do ponto de vista formal como informal, dentro de cada objetivo. Ações de Sustentabilidade visam a estabelecer as condições para sustentar o plano de ação, tanto do ponto de vista do provimento de recursos financeiros como de recursos estru-

¹ Usamos aqui *ações estratégicas*, que são mais amplas, para diferenciar de *atividades*, que são ações específicas ou tarefas.

turais e humanos necessários. Ações de Comunicação são as que contribuem para promover a visibilidade pública da Igreja, estabelecer vínculos e a difundir seus valores. Referem-se aos fluxos internos de informação, como aos processos externos que envolvem os meios de comunicação, por exemplo.

Para cada conjunto de ações estratégicas corresponde um certo número de *atividades*, ou seja, práticas necessárias para que cada ação estratégica seja realizada. São, em síntese, as *tarefas* que precisam ser cumpridas para que as ações estratégicas tenham efeito.

Cada atividade/tarefa, por seu lado, dentro das ações estratégicas, visa a alcançar um determinado grupo de pessoas que chamamos de *público*. Esse público pode ser definido de várias maneiras. Podemos selecioná-lo por faixa etária (as crianças, os jovens ou pessoas idosas), por localidade (as pessoas que moram num determinado bairro, ou que trabalham em determinada empresa ou que freqüentam determinados locais), por gênero (mulheres, homens, etc.) por interesses (pessoas que gostam de ler, pessoas que gostam de pescar, etc.), por classe social, por ramo de atividade (funcionários públicos, trabalhadores, desempregados, empresários, etc.), por estado civil (pessoas solteiras, viúvas, casadas, divorciados, etc.). Mas também podemos definir o público combinando essas categorias (mulheres jovens, crianças de um determinado bairro, homens de meia idade desempregados, etc.).

Também é importante definir um *prazo* para execução de cada atividade, ou seja, determinar o início e o fim da atividade. Cada atividade demanda o seu próprio tempo de execução. O prazo é uma estimativa realista sobre o tempo que é necessário para o cumprimento de uma tarefa.

Outro aspecto relevante da planilha de planejamento é visualizarmos os *recursos* de que dispomos e também aqueles de que não dispomos e necessitamos. Tais recursos podem ser financeiros, humanos, estruturais, etc. Por exemplo, se queremos fazer uma atividade esportiva com jovens, precisamos saber se temos uma quadra de esportes para isso, ou se temos as pessoas para realizarem essa atividade ou ainda se temos dinheiro para as despesas que decorrem dessa atividade. Nessa coluna, devemos listar os recursos e assinalar se eles estão disponíveis ou se temos de buscá-los.

Toda a atividade/tarefa deve ter uma pessoa como *responsável*, ou seja, uma pessoa que assume a sua execução ou delega. A pessoa responsável não é necessariamente o coordenador do grupo, nem o presidente da comunidade, ou o obreiro ou obreira, mas aquela que efetivamente vai garantir que a atividade vai se realizar e a quem o coordenador do plano poderá felicitar caso a atividade aconteceu conforme planejado ou cobrar as explicações em caso contrário.

Por fim, sempre que realizamos uma atividade, esperamos alcançar um determinado resultado com ela. Este *resultado esperado* deve ser escrito, porque ele servirá de indicador de sucesso ou não de nossas atividades. Nesse sentido, o resultado deve ser formulado de tal forma que possamos medir o que fazemos: tem a ver com os efeitos que nossa atividade terá sobre o nosso público, sobre nossa comunidade e sobre a realidade na qual estamos vivendo.

Assim, a **Matriz de Planejamento** corresponderia à seguinte tabela:

Objetivo1: Testemunhar o Evangelho de Jesus Cristo a todas as pessoas no seu contexto (Evangelização) a tabela será usada para cada objetivo (veja página 23)						
Ações Estratégicas (o quê?)	Atividades (tarefas)	Público (para quem?)	Prazo (período)	Recursos (com o que podemos contar e o que precisamos)	Responsável (quem?)	Resultado esperado

A Matriz de Planejamento permite articular as diferentes instâncias, setores, departamentos e instituições de tal modo que uma colabora com a outra, sendo a finalidade de uma colaborar com o planejamento de outra em diferentes dimensões. Em articulação com as comunidades, o planejamento dos Sínodos, por exemplo, corresponderá aos quatro objetivos específicos, mas as suas ações estratégicas bem como suas atividades serão distintas das ações das comunidades/paróquias. Nesse grau de distinção, trata-se de ações relacionadas especificamente às competências do Sínodo enquanto instância intermediária entre as comunidades/paróquias e os organismos nacionais da Igreja.

De forma correlata, pode-se imaginar que as ações estratégicas no âmbito das comunidades serão em maior número do que as do Sínodo. Assim também os públicos podem ser diferentes de uma para outra instância. Preserva-se igualmente a autonomia de cada sínodo para eleger suas próprias prioridades, de acordo com seu contexto e sua realidade, embora em congruência com o plano geral da IECLB.

Nas instâncias nacionais da IECLB, o planejamento corresponderá aos anseios de comunidades e paróquias, ou seja, as ações estratégicas devem responder às demandas que comunidades têm para realizar melhor as suas ações estratégicas locais, o mesmo ocorrendo com os sínodos. Os setores de trabalho, departamentos e instituições, por sua vez, imbuídos desse mesmo esforço comum, terão que, em seus

planos de ação, contribuir para qualificar a tarefa missionária das bases. Dessa forma, o PAMI constitui-se no fio condutor e articulador de todos os planejamentos e programas em nível nacional, regional e local da Igreja. Teoricamente, isso expressa uma visão de Plano Missionário que necessita ser corretamente articulado para que uma instância esteja integrada na outra, sendo a base de tudo a comunidade.

Cabe destacar, ainda, a necessidade de fazermos o acompanhamento e o monitoramento periódico de nosso planejamento missionário, para ver como está sendo realizado o planejado, ou seja, para verificar se as ações estratégicas e as atividades cumpridas ou em andamento estão efetivamente ajudando a alcançar os nossos objetivos. Esse acompanhamento e monitoramento da execução do plano pode ser feito a cada trimestre ou semestre e mesmo uma vez ao ano. O importante é que não deixemos de fazer essa avaliação constante, para que mantenhamos sempre no horizonte de nossa ação os objetivos que nos propusemos alcançar.

CONCLUSÃO

O Plano de Ação Missionária da IECLB 2008 – 2012 não é um produto acabado nem uma camisa de força. Ele é um processo contínuo, tanto na sua elaboração quanto na sua consecução. À base de uma compreensão bíblico-teológica da natureza missionária da Igreja de Cristo, ele traça um rumo e orienta a ação missionária da IECLB, em todos os níveis. Com ele afirmamos na teoria e queremos confirmar na prática que a missão é de Deus, mas que, convocados, queremos dela fazer parte. Portanto, o grande desafio dos próximos anos é o de que nos articulemos como IECLB em torno de um Plano de Ação Missionária em processo, de tal modo que, ao final do período, estejamos vivendo melhor e de forma mais organizada a nossa paixão: a missão de Deus no mundo.

MISSÃO DE DEUS NOSSA PAIXÃO

Plano de Ação Missionária da IECLB

Linhas Mestras do Plano Operacional

ISBN 978-85-233-0900-8



Depois do lançamento do texto-base do PAMI 2008-2012, em maio de 2008, agora é a vez de colocarmos nas mãos de obreiros, obreiras e líderes das comunidades, paróquias e demais setores e instituições da Igreja o texto contido nesta publicação. Trata-se de um texto ainda de cunho teórico, que está sendo chamado de Plano Operacional do PAMI. Ele é, mais propriamente, a exposição das linhas mestras para o planejamento estratégico na área da missão em todos os âmbitos da IECLB. No tocante às comunidades da IECLB, a meta a ser atingida até 2012, conforme recomendação do Concílio da Igreja, ocorrido em Estrela, de 15 a 19 de outubro de 2008, é implementar planejamento estratégico em pelo menos um terço delas. O resultado desse processo amplo constitui, verdadeiramente, em substância, o plano de ação missionária da IECLB.

O documento aqui apresentado foi elaborado por muitas mãos: integrantes do Grupo de Trabalho PAMI, grupos assessores da Presidência e ainda outras pessoas e grupos. A redação final foi do Jorn. Ricardo Fiegenbaum. Um agradecimento a todas as pessoas que colaboraram.

Espero que esta publicação, juntamente com o texto-base do PAMI, se torne auxílio importante na fundamentação teológica da missão e na elaboração desse planejamento em cada instância da IECLB. No decorrer dos próximos meses estaremos colocando à disposição cadernos auxiliares, em linguagem simples, sobre como de fato colocar em prática o planejamento estratégico.

Missão de Deus – Nossa Paixão!

Epifania de 2009.
Walter Altmann
Pastor Presidente

